

# O Monge e o Milionário

VIBHOR KUMAR SINGH

# O Monge e o Milionário

*A arte de descomplicar a felicidade*

Tradução de:  
*Catarina Fonte*

*Pergaminho*

1

## O Caminho para Shangri-La

*Não podes confiar nos teus olhos quando  
a tua imaginação está desfocada.*

MARK TWAIN

– *Se a felicidade é uma viagem, o minimalismo é o primeiro passo* – disse o Monge ao Milionário. Apesar de a frase ter sido dita sem qualquer contexto, o Milionário fechou os olhos e anuiu.

O seu pensamento viajou até ao momento em que tinham decidido colaborar juntos. O primeiro encontro no hotel de Katmandu tinha sido um sucesso para os dois. O Milionário tinha encontrado ali uma oportunidade de fazer algo genuinamente diferente dos seus negócios habituais – um hotel em Shangri-La era o derradeiro troféu a conquistar. O Monge via a parceria como uma ponte para se reconectar com o mundo materialista. Ambos reconheciam o benefício mútuo da sua colaboração e respeitavam-na. E naquele dia, dois anos depois, o Milionário sabia que tinha tomado uma decisão lucrativa. Apesar de ser a sua primeira visita ao hotel, a sua equipa e o Monge tinham executado um projeto rentável, e o Milionário estava satisfeito com as distinções que o hotel estava a receber da indústria do turismo.

Inicialmente tinha-se preocupado com o facto de que ter um monge budista como sócio não fosse fácil. *O que é que um monge sabe de negócios?* Porém, agora, segurando na folha de balanço do projeto do hotel, o Milionário estava feliz por se ter equivocado.

Recordando as palavras do Monge, o Milionário lembrou-se de que a primeira imagem que tinha na cabeça desde criança era a de associar felicidade com acumulação de bens materiais. Exibir abundância era visto como o segredo da felicidade na sua sociedade. Rejeitar a ideia de abundância era visto como um fracasso. No entanto, algures no fundo de si, o Milionário precisava de compreender que o seu hábito de acumular bens materiais se resumia a juntar tralha, constituindo um impedimento para atingir a felicidade na vida. *Talvez o Monge pudesse ajudar...*

– Minimalismo não significa ausência de ambição. Não significa santidade. É uma escolha de vida segundo a qual decidimos viver com o mínimo de posses e o máximo de concentração. A ideia é expurgarmo-nos de bens materiais, desocupando assim espaço mental, que continua repleto de emoções e coisas desnecessárias e insignificantes – disse o Monge como se estivesse a ler a mente do Milionário.

– Suponho que a vida seja mais fácil de viver se levarmos menos às costas – respondeu o Milionário com sarcasmo.

O passeio pelo cenário rugoso embora pacífico do Tibete começava a apaziguar o Milionário. As últimas vinte e quatro horas tinham sido frenéticas, com os efeitos do *jet lag* das viagens intercontinentais e as más notícias a servirem-lhe de companhia na viagem. O negócio das telecomunicações no Cazaquistão não estava a decorrer conforme solicitado. A burocracia estava a atrasar a autorização final da licença.

Era preciso subornar algumas pessoas, mas o Milionário recusava-se a isso.

Concentrando-se agora no presente, o Milionário conhecia o significado de minimalismo moderno. Afinal, era a última moda em todo o mundo. O Milionário Nicolas Berggruen era um seguidor fervoroso do minimalismo moderno. À primeira vista, o minimalismo era um estilo de vida que sugeria ter poucas posses. Basicamente encorajava as pessoas a identificarem aquilo que era essencial para sobreviver e a despojarem-se de tudo o resto. Cada bem material tinha que ter um significado na vida diária do possuidor. O único problema era que o Milionário associava minimalismo a um estilo de vida *hippie*.

– É bem mais simples – sorriu o Monge, trazendo o Milionário de volta à conversa. – Mas como vê, quando decidir optar pelo minimalismo na sua vida, irá começar, de facto, a desfazer-se de *toda* a bagagem desnecessária. Começará a contemplar os objetivos que verdadeiramente importam e a sentir a energia para os atingir com eficácia – o que não é uma desculpa para fugir das suas responsabilidades. Não é uma vida sem ambição. E não é certamente uma desculpa para ser preguiçoso! Irá simplesmente passar a concentrar-se no pouco que é essencial e a evitar distrações. Ao dirigir a sua energia para o pouco que é essencial, pode abstrair-se de distrações e atingir a felicidade de uma forma muito mais eficaz.

Vendo bem, o Monge tinha razão, pensou o Milionário. *Algumas das pessoas mais bem-sucedidas dos tempos modernos, como Jeff Bezos, o homem mais rico do planeta, Bill Gates, Warren Buffet e o prodígio Mark Zuckerberg são famosos graças à sua capacidade de levar uma vida simples e centrada no essencial. Até atribuem o seu sucesso ao facto de conseguirem eliminar distrações e de se concentrarem apenas*

*no essencial. Na verdade, isso ajuda-os a focarem-se nas coisas como um todo.*

– Isso significa então que a sua ambição se baseia no minimalismo? – perguntou o Milionário num tom curioso. O céu começava a ficar cinzento com nuvens ameaçadoras. Raramente chovia naquela parte do mundo, mas a dança das nuvens era sempre teatral.

– Sim, à medida que avançamos do aspecto físico do minimalismo para a aceitação mental do minimalismo passamos a ter a liberdade para procurar aquilo que é essencial. A verdade é que a única razão pela qual continuamos a viver com uma enorme quantidade de tralha é o medo de nos libertarmos dela. Pensamos que podemos vir a precisar daquilo que hoje achamos inútil. O nosso medo e insegurança são as principais razões por que nos tornamos relutantes a abraçar o minimalismo. Sentimos que a sociedade nos vai menosprezar, que o nosso estatuto social vai sair prejudicado e que a nossa ambição e os nossos sonhos esmorecerão se abraçarmos o minimalismo.

Com as suas últimas palavras, o Monge queria ajudar o Milionário a tomar a decisão acertada. O Milionário compreendeu e esboçou um sorriso.

Uma chuva leve começou a cair inesperadamente. O Monge baixou as janelas do carro e a fragrância da chuva que caía sobre a terra seca inundava o ar. Era inebriante.

– É engraçado como nos distinguimos uns dos outros através do nosso país e da nossa etnia, mas o cheiro a terra molhada é igual em todo o lado – murmurou para si mesmo o Milionário. O Monge ouviu.

– Sim, as pessoas criam as diferenças; não a Natureza.

– Diga-me então: como é que quer que eu pratique o minimalismo sem desistir da minha conta bancária? – perguntou o

Milionário. A filantropia não era o seu forte e tão-pouco fazia intenção de doar à caridade a fortuna que tinha adquirido arduamente.

– Minimalismo não significa fechar a conta bancária, sócio! Significa aumentá-la! – disse o Monge com uma piscadela de olho e um sorriso. – Permita-me que lhe apresente os componentes básicos do minimalismo, tal como eu os vejo. Acredito que o caminho para a felicidade começa por nos desfazermos de alguma bagagem. Porém, contrariamente ao Grande Buda, nem sempre temos de renunciar ao mundo. É neste ponto que eu e o meu Guruji do mosteiro estamos muitas vezes em desacordo. Eu sou contra a renúncia total. Quero encontrar a felicidade no mundo, não longe do mundo. A meu ver, o minimalismo é o primeiro passo em direção ao meu objetivo, que é a felicidade. – O Monge falava a sério agora. – Tenho estudado e tentado encontrar o segredo da felicidade através do minimalismo. Terei talvez chegado a algum lado, mas não tenho a certeza. Talvez possamos partilhar os nossos pensamentos... Se pegar na agenda de bolso que está dentro do porta-luvas, verá que tenho anotado aí os meus pensamentos – disse, apontando para o porta-luvas.

O Milionário pegou na agenda e abriu-a. Na primeira página estava a fotografia do Dalai Lama. Uma vez que é proibido trazerem consigo a fotografia de Sua Santidade, a maioria dos tibetanos esconde-a entre os objetos pessoais de uso diário. Na terceira página podia ler-se o seguinte:

- 1) O minimalismo compreende a bagagem física e emocional;
- 2) O minimalismo material é o primeiro passo em direção à felicidade emocional;



- 3) O ser humano é inventivo e tem a capacidade de «viver sem» e «viver de acordo com»;
- 4) O minimalismo reforça a ambição de cada um porque nos ajuda a concentrar-nos no que é essencial;
- 5) A maior dádiva do minimalismo é o tempo livre que nos proporciona e que pode ser redirecionado para aquilo que é importante;
- 6) O minimalismo é «amigo» do planeta. Praticar o minimalismo é a nossa contribuição;
- 7) Não carregue o peso do mundo aos seus ombros.

O Milionário voltou a ler aquela página e depois de pensar por um momento, acrescentou o seguinte:

- 8) Dinheiro poupado é dinheiro ganho;
- 9) Lembre-se: não passamos a ser santos por praticarmos o minimalismo; passamos apenas a ser seletivos nas nossas ocupações e nos nossos objetivos;
- 10) Não enverede pelo consumismo: acabará na bancarrota e infeliz.

O Milionário não conseguia parar de sorrir ao reparar que tinha escrito aquelas palavras com a última caneta *Montblanc* que tinha comprado. Muito irónico.

– Vamos fazer uma coisa. Eu vou ficar aqui três semanas. Uma vez que não vou tratar de grandes negócios, acho que vou ter tempo para refletir sobre temas para lá do trabalho. E se decidíssemos fazer uma lista das coisas que trazem felicidade às nossas vidas e a partilhássemos no último dia da nossa viagem? O que me diz? – perguntou o Milionário, entusiasmado.

– Que ideia brilhante! Finalmente vou poder partilhar a minha visão sobre a felicidade e aprender sobre a felicidade com alguém que é um capitalista ferrenho!

Desataram os dois a rir.